

## Ara aos *Lares Viales*, de *Bracara Augusta*

Armandino Cunha

José d'Encarnação

Francisco Sande Lemos

Durante o acompanhamento das obras de desaterro para o túnel que liga o Largo de S. Francisco à Avenida António Macedo, na cidade de Braga, foi encontrada, a 9 de Setembro de 1996, uma ara romana que, pelas suas características e pelo texto que ostenta, merece um estudo pormenorizado, com vista ao seu melhor enquadramento na história sócio-religiosa da cidade.

A fotografia do monumento foi incluída na pág. 40 do livro *Bracara Augusta Cidade Romana*, de Manuela Martins (Braga, Dez.º 2000), em jeito de ilustração da presença, na cidade, de mais um testemunho do culto aos *Lares Viales*, recentemente descoberto, acrescentando-se que a sua localização parecia «assinalar, muito presumivelmente, a saída de uma via».

Com base na foto de um monumento ainda inédito e sem qualquer autorização por parte dos arqueólogos que detinham a prioridade científica, os autores da obra *Miliarios e Outras Inscriciões Viarias Romanas do Noroeste Hispânico*, António Rodríguez Colmenero, Santiago Ferrer Sierra e Rubén D. Alvarez, publicada em 2004 pelo Consello da Cultura Gallega, não hesitaram em incluir

a ara, no rol dos «últimos miliarios aparecidos», sob o n.º 687, exactamente o último, p. 843, reproduzindo também, sem prévia consulta, a foto publicada em 2000. A leitura aí proposta carece, porém, de ajustamentos.

Trata-se de uma ara de granito cinzento, de grão médio/grosso, pouco micáceo, com visíveis 'incrustações' de feldspato, praticamente intacta, moldurada nas quatro faces.

No capitel, o fóculo, central, de 8 cm de diâmetro, está saliente e ainda conserva, no seu interior, vestígios da utilização para queimar essências. Ladeiam-no dois toros lisos e, à frente e na retaguarda, dois frontões triangulares. Uma ranhura seguida de moldura do tipo gola encurtada separam o capitel do fuste alisado, que contém, na sua parte dianteira, a epígrafe.

A base ostenta moldura de gola reversa, rematada por ranhura, que marca o nível do possível encaixe num soco.

A semelhança com o ex-voto a Júpiter Ótimo Máximo encontrado no subsolo do Teatro Circo, em Janeiro de 1992<sup>1</sup>, é deveras notável, levando-nos a garantir que se trata de monumentos saídos da mesma oficina, muito provavelmente no mesmo momento até, como teremos oportunidade de sublinhar mais adiante.

O monumento foi integrado, em depósito, no acervo do Museu D. Diogo de Sousa, tendo-lhe sido atribuído o n.º de inventário 1996.0812.

Dimensões: 55 x 28 x 28.

Campo epigráfico: 30 x 22.

LARIBVS / VIALIBV[S] / SACR[VM] / [C(aius) IV]LIVS / <sup>5</sup> [S]ATV[R(ninus)] / A(nimo) L(ibens) · V(otum) S(olvit)

Consagrado aos Deuses Viários. Gaio Júlio Saturnino cumpriu o voto de livre vontade.

Altura das letras: 4. Espaços: 0,5.

Na l. 1, a barra do L como que descai obliquamente; o A não tem travessão; o R é aberto e feito em dois movimentos, ambos de cima para baixo: o primeiro para grafar a haste vertical e o segundo para a parte da direita, levemente ondulada. De seguida, a pedra está bastante erodida, mas cremos possível interpretar IB em nexa, estando o I no prolongamento da haste vertical do B; tal como acontece com o R, o lapicida gravou mais tenuemente as panças, de forma que já estão pouco perceptíveis. O V é largo e de traçado algo 'arredondado'; S final simétrico. Rejeitamos, por isso, a leitura *Larivis* (ainda que com o último I duvidoso) sugerida pelos autores atrás referidos, leitura que resultaria, na verdade, assaz estranha.

Na l. 2, as características paleográficas não diferem das dos caracteres da l. 1, corroborando, aliás, essa leitura, pois que, além do A sem travessão, temos um B em cujo traçado arredondado se nota que, também aqui, o rasgo não foi profundo, como se se tratasse de escrita 'à mão levantada', efeito que a gravação com goiva acaba por poder produzir. Apesar do desgaste da superfície epigrafada, mormente a partir da metade direita do B, o V reconstitui-se bem e o S adivinha-se mais do que se lê.

Na l. 3, o S inicial quase desapareceu; o A lê-se sem dificuldade, apesar de sumida a haste da esquerda; o C atinge características que seríamos tentados a qualificar de quase cursivas, como, de resto, é um pouco o «tom» paleográfico do conjunto da epígrafe, onde a paginação não foi alicerçada em qualquer cálculo de régua e esquadro, mas sim «a olho», ousaríamos dizer, sem grandes preocupações de estética – o que, aliás, já se verificara na citada ara a Júpiter, do Teatro Circo. O R assemelha-se nitidamente aos RR anteriores, aberto também ele. Lemos VM em seguida, considerando a possibilidade de ali estarem as duas letras em nexa, sendo também possível admitir-se apenas a gravação do V sem o M – o desgaste grande que o monumento aí sofreu impede-nos de garantir com rigor uma ou outra hipótese.

Nas l. 4 e 5 foi sobretudo a comparação com o monumento a Júpiter que nos ajudou, atendendo a que, visíveis, temos, na l. 4, LIV e, na 5, ATV – o demais desapareceu com o desgaste. O espaço disponível e a posição das letras visíveis levam-nos a reconstituir, aqui, o mesmo dedicante desse monumento – G(*aius*) ou C(*aius*) *Iulius* (neste caso, o gentílico teria sido grafado por extenso, enquanto que, na ara a Júpiter, se recorre à abreviatura IVL) *Saturninus*, não nos sendo

possível, porém, afirmar com segurança que letras teriam sido incluídas na epígrafe, sendo certo que o cognome não foi gravado por inteiro. SATVR(*ninus*) parece-nos bem, atendendo a que se logra discernir parte do S, do V – e não cremos viável que a abreviatura terminasse em V.

A fórmula final também poderia oferecer dúvidas, resultantes do acentuado desgaste. Afigura-se-nos, contudo, após minuciosa observação, que o lapicida a terá centrado e apertado, como que tentando, aí, um alinhamento segundo eixo de simetria, colocando inclusive um ponto de separação, bem nítido, entre o L e o V. A proposta que fazemos parece-nos, pois, defensável.

Na ara a Júpiter, Saturnino identifica-se com mais pormenor: é *Afer*, ou seja, «africano» – como, aliás, o seu cognome (*Saturninus*) poderia indicar, dada a frequência do uso desse nome na África romana, designadamente por devoção ao deus Saturno<sup>2</sup>. Identifica-se, por outro lado, como *miles legionis VII (septimae) Gem(inae) F(idelis)*, «soldado da 7.<sup>a</sup> legião pia fiel». Compreende-se essa diferença identificativa: ali, é o militar ao serviço do Imperador, a prestar culto à divindade oficial e importa, por isso, revelar o seu estatuto; aqui, é o transeunte que sai ou entra na cidade e pretende, ao mandar erigir o altar, perpetuar o seu agradecimento às divindades que o protegeram ou vão proteger nas caminhadas que, forçosamente, teve de fazer para chegar até ali e terá de fazer ainda – proporcionando, assim, a outros idêntica atitude. E, como vimos, pelos vestígios de real utilização em libações, a sua intenção concretizou-se.

Escreve Manuela Martins, já o dissemos, que o local donde a peça foi exumada assinala – e quem o diz tem um bom conhecimento do planeamento urbanístico de *Bracara Augusta* – «muito presumivelmente, a saída de uma via», opinião que os referidos autores galegos se apressam a pôr em dúvida: «A atribuição deste epígrafe á saída da Via XVIII resulta problemática» (p. 843).

Valerá, pois, a pena integrar o monumento epigráfico e o seu contexto arqueológico no que já se conhece acerca do sistema viário que serviu *Bracara Augusta*, tendo em conta que estamos perante um monumento datável, pela paleografia e pelo formulário, da primeira metade do século II – a exemplo do que se determinou para a ara a Júpiter e somos de parecer que os monumentos são contemporâneos.

Assim, sabemos que se dirigiam para *Bracara Augusta* as seguintes vias:

- de Sul: vinda de **Cale** (itinerário *Olisipo – Bracara*);
- de Sudeste: do rio Douro (itinerário para *Emerita*);
- de Leste: de **Asturica Augusta** (por *Aquae Flaviae*);
- de Nordeste: de **Asturica** (por *Bergidum Flavium*);
- de Norte: de **Lucus Augusti** (por *Limia e Tude*);
- de Oeste: **per loca maritima**.

As necrópoles associadas a estas vias já foram identificadas. Ora, para melhor se compreender o significado do achamento, ali, deste altar aos *Lares Viales*, importa que dediquemos alguns breves parágrafos à *Via Nova*, entre *Bracara* e *Asturica*.

No primeiro mapa de Braga, impresso em 1594, está assinalado um caminho entre a cidade e Ourense, com saída pelo lugar do Areal. Neste mesmo lugar foi descoberto um miliário<sup>3</sup>. Todavia, em diversos textos, apesar deste achado e do registo do século XVI, persistiam dúvidas acerca do traçado da *Via Nova* entre Braga e a milha XII, no concelho de Amares.

Na década de 90, quando a Câmara Municipal de Braga projectou autorizar a construção de um parque subterrâneo de automóveis, em zona extramuros das cidades romana e medieval, foram ponderadas duas hipóteses: o Largo Carlos Amarante e a Avenida Central. Consultada a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, esta recomendou como hipótese menos lesiva do património da cidade a Avenida Central, por ser muito provável que, no subsolo do Largo Carlos Amarante, se conserve parte da necrópole da via entre *Bracara* e *Asturica*, por *Aquae Flaviae* (Via XVII do Itinerário de Antonino). Todavia, o acompanhamento das obras do Parque Subterrâneo da Avenida Central permitiu a descoberta de uma nova necrópole, com diversos tipos de sepultura de incineração, em covacho e em cistas. O material recolhido, incluindo lucernas, data estas sepulturas da segunda metade do século I.

No âmbito do mesmo projecto de obras, estava prevista a abertura de um túnel rodoviário articulado com o parque. Foi neste contexto que se descobriu, ainda que numa camada revolvada, a ara dedicada aos Deuses Viários.

O registo cartográfico do século XVI, o miliário do Areal de Cima, a necrópole, a ara e o estudo do traçado esclarecem, de forma muito clara, que a *Via Nova*, entre *Bracara* e *Asturica* saía – como, aliás, é lógico – de uma porta situada no extremo nordeste da cidade romana. O local do achado da ara, o Largo de S. Francisco, fica no traçado do caminho romano, fossilizado nas ruas dos Chãos e de S. Vicente. Pelo que se pode inferir, foi levantada num ponto limítrofe da necrópole, a cerca de 400 metros da área urbana antiga.

Para além da ara do Largo de S. Francisco, foram recolhidas, em Braga, outras duas epígrafes do mesmo tipo, embora se desconheça o seu exacto contexto arqueológico. Estas duas aras integravam a colecção episcopal de epígrafes, tendo uma delas desaparecido, enquanto que a outra faz parte do acervo do Museu de D. Diogo de Sousa. Na sua dissertação de doutoramento sobre o itinerário *Olisipo – Bracara*, Vasco Mantas contesta que possam ser de *Bracara urbe*, sem, contudo, expor argumentos decisivos<sup>4</sup>.

Em nosso entender, a descoberta da ara do Largo de S. Francisco, posterior à redacção do trabalho de Vasco Mantas, sugere precisamente o contrário. Assim, *Bracara Augusta* será um dos núcleos urbanos do Noroeste Peninsular onde foram achadas mais aras aos deuses viários.

Ainda no quadro das aras votivas relacionadas com a rede viária é oportuno lembrar que foi encontrado no muro da Cerca do Seminário de Santiago o fragmento de uma epígrafe dedicada a Mercúrio, divindade que, entre outros atributos, detinha o de ser protectora dos viandantes<sup>5</sup>. Ora o referido muro situa-se junto da saída da via que conduzia para *Aquae Flaviae* e *Asturica Augusta*, pelo que o contexto do achado é elucidativo.

Por conseguinte, a par da existência de três miliários 0, assinalando o começo das vias *Bracara – Cale*, *Bracara – Lucus* e *Bracara – Asturica* (por *Bergidum Flaviium*)<sup>6</sup>, as aras aos *Lares Viales* – e muito em especialmente esta que ora damos a conhecer – sublinham eficazmente a importância da cidade de *Bracara Augusta* como significativo nó viário durante todo o Império romano.



## Notas

<sup>1</sup> Cf. José d'ENCARNAÇÃO, «Ara dedicada a Júpiter em Bracara Augusta», *Ficheiro Epigráfico* 44 1993 n.º 196.

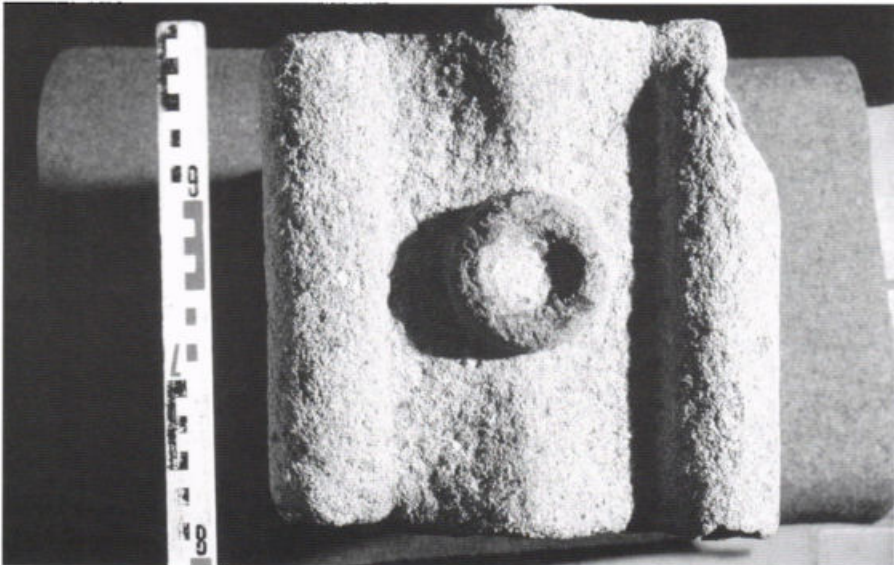
<sup>2</sup> Cf. Iiro KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Helsinquia, 1965 [reimpr. Roma, 1982], p. 55. Na nota 5 do estudo sobre a ara do Teatro Circo é referida essa possibilidade de relação entre a adopção do *cognomen Saturninus* e o culto a Saturno – e cita-se, entre outros, o testemunho de Marcel LE GLAY, *Saturne Africain – Histoire*, Paris, 1966, p. 120-124.

<sup>3</sup> Luis FONTES, «Inventário dos sítios e achados arqueológicos do concelho de Braga», *Mínia*, 3.ª Série, 1 (1), Braga, 1994, p. 31-88.

<sup>4</sup> Vasco MANTAS, *A Rede Viária da Faixa Atlântica entre Lisboa e Braga*, dissertação de doutoramento (policopiada), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1996, p. 249: «[...] Não há nada que prove terem sido encontradas em Braga as duas inscrições normalmente atribuídas a esta cidade pelo simples facto de terem sido recolhidas no antigo Paço Arquiepiscopal. Por estas razões incluiremos os monumentos de Braga apenas a título documental e sob a maior reserva».

<sup>5</sup> Cf., de Giulia Baratta, *Il Culto di Mercurio nella Penisola Ibérica*, Universitat de Barcelona, 2001. Essa epígrafe é aí estudada nas p. 42-43. Os atributos da divindade são analisados nas p. 107-112.

<sup>6</sup> Vejam-se: Martins CAPELLA, *Miliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, Câmara Municipal de Terras de Bouro, Braga, 1987, p. 53-63; e Alain TRANOY, *La Galice Romaine*, Paris, 1981, p. 206-220.



Parte superior da ara aos Lares Viales.



Ara aos *Lares Viales*, referida no texto (Largo de S. Francisco – Braga).





Ara a Júpiter Ótimo Maximo, referida no texto (Teatro Circo – Braga).